

BIBLIOTECA DE AUTORES CLÁSICOS

RETÓRICA

—
ARISTÓTELES
OBRAS COMPLETAS

N IMPRENSA
NACIONAL

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.facebook.com/INCM.Livros

editorial.apoiocliente@incm.pt

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda

e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

TÍTULO

Retórica

AUTOR

Aristóteles

DESIGN DA COLEÇÃO

www.whitestudio.pt

REVISÃO, PAGINAÇÃO E CONCEÇÃO DA CAPA

INCM

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

INCM

5.ª EDIÇÃO

Dezembro de 2018

ISBN 978-972-27-2407-4

DEPÓSITO LEGAL N.º 398 963/15

EDIÇÃO N.º 1029868

**OBRAS COMPLETAS
DE ARISTÓTELES**

COORDENAÇÃO DE
ANTÓNIO PEDRO MESQUITA

RETÓRICA

VOLUME VIII
TOMO I

Projeto promovido e coordenado pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa em colaboração com o Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, o Instituto David Lopes de Estudos Árabes e Islâmicos, o Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa e os Centros de Linguagem, Interpretação e Filosofia e de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Este projeto foi subsidiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

BIBLIOTECA DE AUTORES CLÁSSICOS

RETÓRICA

—

ARISTÓTELES

PREFÁCIO E INTRODUÇÃO
MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR

TRADUÇÃO E NOTAS
MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR
PAULO FARMHOUSE ALBERTO
ABEL DO NASCIMENTO

(CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA)

5.^a EDIÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
IMPRESA NACIONAL
LISBOA 2018

PREFÁCIO

Nunca antes a retórica se estudou com tanto interesse e em áreas tão distintas do saber, como nunca antes se estudou o fenómeno retórico em contextos tão distantes do mundo que aparentemente o viu nascer. A recente obra de George Kennedy, *Comparative Rhetoric*, é disso um bom exemplo ao dissertar sobre a retórica não só em sociedades iletradas e sem escrita como os aborígenes da Austrália, os índios das Américas e outras sociedades tradicionais, mas também em sociedades letradas da Antiguidade que, para além da grega e da romana, floresceram tanto na Mesopotâmia, em Israel e no Egito, como na China e na Índia. A retórica está na moda, e os temas que ato contínuo se abordam em colóquios e congressos são os mais diversos e surpreendentes, situando-se praticamente em todas as áreas do saber humano.

Para muitos a retórica pouco mais é do que mera manipulação linguística, ornato estilístico e discurso que se serve de artifícios irracionais e psicológicos, mais propícios à verbalização de discursos vazios de conteúdo do que à sustentada argumentação de princípios e valores que se nutrem de um raciocínio crítico válido e eficaz. Mas a restauração da retórica ao seu velho estatuto de teoria e prática da argumentação persuasiva como antiga e nova rainha das ciências humanas tem vindo a corrigir essa noção enganosa, revalorizando-a como ciência e arte que tão logicamente opera na heurística e na hermenêutica dos dados que faz intervir no discurso, como psicológica e eficazmente se cumpre no resultante efeito de convicção e mobilização para a ação. No fundo, a retórica é um saber que se inspira em múltiplos saberes e se põe ao serviço de todos os saberes. É um saber interdisciplinar no sentido pleno da palavra, na medida em que se afirmou como arte de pensar e arte de comunicar o pensamento. E como saber interdisciplinar e transdisciplinar, a retórica está presente no direito, na filosofia, na oratória, na dialética, na literatura, na hermenêutica, na crítica literária e na ciência.

A retórica é uma das artes práticas mais nobres, porque o seu exercício é uma parte essencial da mais básica de todas as funções humanas. Daí a especial atenção que Aristóteles lhe dedicou, corrigindo tendências sofisticadas e codificando princípios metodológicos e técnicos que, com o

1. A NATUREZA DA RETÓRICA

A retórica¹ é a outra face² da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. De facto, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento³, defender-se ou acusar⁴.

1354a

Simplemente, na sua maioria, umas pessoas fazem-no ao acaso, e outras, mediante a prática que resulta do hábito. E, porque os dois modos são possíveis, é óbvio que seria também possível fazer a mesma coisa seguindo um método. Pois é possível estudar⁵ a razão pela qual tanto são bem sucedidos os que agem por hábito como os que agem espontaneamente, e todos facilmente concordarão que tal estudo é tarefa de uma arte⁶.

1. Ἡ ῥητορικὴ, adjetivo usado como nome abstrato, correspondendo a ἡ τέχνη ῥητορικὴ.

2. Ἀντίστροφος traduz-se normalmente por «correlativo». Na lírica coral, a estrutura métrica de uma στροφή repete-se na ἀντίστροφή, representando a primeira o movimento numa direção, e a segunda o movimento contrário. Ambos, porém, em coordenação oposta e complementar, como artes que têm semelhanças gerais e diferenças específicas. Como observa E. M. Cope, duas espécies de um mesmo género, a prova; dois modos de prova que afinal se distinguem pela diferença dos meios probatórios que empregam: um, o silogismo formal completo e a indução geral; o outro, o entimema formalmente incompleto e o exemplo

(*The Rhetoric of Aristotle, with a Commentary*, Cambridge, University Press, 1877, p. 2). Este paralelismo entre retórica e dialética é aliás aceite por Cícero, ao traduzir a afirmação de Aristóteles por «ex altera parte respondere dialecticae» (*Orator*, 32.114).

3. Como na dialética.

4. Como na retórica.

5. Θεωρεῖν significa literalmente «ver», mas com a implicação de «teorizar», daquilo que pode ser objeto de teorização ou estudo.

6. Como τέχνη, a retórica é, para Aristóteles, um corpo de regras e princípios gerais que a razão pode conhecer, uma forma de ἐπιστήμη, por oposição à mera ἐμπειρία, o grau intermédio entre a simples experiência prática e o

conhecimento plenamente científico (cf. W. M. A. Grimaldi, *Aristotle, Rhetoric I: A Commentary*, New York, Fordham University Press, 1980, pp. 4-6).

Ora, os que até hoje compuseram tratados de retórica ocuparam-se apenas de uma parte dessa arte⁷; pois só os argumentos retóricos⁸ são próprios dela, e tudo o resto é acessório. Eles, porém, nada dizem dos entimemas⁹, que são afinal o corpo da prova, antes dedicam a maior parte dos seus tratados a questões exteriores ao assunto; porque o ataque verbal¹⁰, a compaixão, a ira e outras paixões da alma semelhantes a estas não afetam o assunto, mas sim o juiz¹¹. De sorte que, se se aplicasse a todos os julgamentos a regra que atualmente se aplica em algumas cidades, sobretudo nas bem governadas, aqueles autores nada teriam para dizer.

Pois todos entendem que as leis o devem referir, e alguns adotam mesmo a prática proibindo que se fale fora do assunto, como também acontece no Areópago, e com toda a razão; pois está errado perverter o juiz incitando-o à ira, ao ódio ou à compaixão. Tal procedimento equivaleria a falsear a regra que se pretende utilizar.

Além disso, é manifesto que o oponente nenhuma outra função tem que a de mostrar que o facto em questão é ou não é verdadeiro, aconteceu ou não aconteceu; quanto a saber se ele é grande ou pequeno, justo ou injusto, não havendo uma definição clara do legislador, é certamente ao juiz que cabe decidir, sem cuidar de saber o que pensam os litigantes.

É, pois, sumamente importante que as leis bem feitas determinem tudo com o maior rigor e exatidão, e deixem o menos possível à decisão dos juízes. Primeiro, porque é mais fácil encontrar um ou poucos homens que

7. Como observa Grimaldi, esta frase tem sido objeto de várias leituras, mas leituras que não põem em causa a essência do seu sentido. O próprio contexto explicita o que Aristóteles tem em mente, pois anuncia a seguir que o que os tecnógrafos contemporâneos fizeram foi apresentar apenas uma pequena parte da τέχνη. Ao criticá-los, por se concentrarem basicamente no estímulo de uma resposta emocional, Aristóteles está simplesmente a dizer que eles apenas escreveram sobre uma pequena parte da arte retórica. Não nega,

portanto, que os πάθη sejam parte da arte retórica. O que põe em causa é o seu mau uso.

8. O termo πίστις difere no sentido conforme os contextos: fé, meio de persuasão, prova. Em Aristóteles, significa normalmente «prova», «prova lógica», «argumentação», «argumento lógico» ou «argumento retórico». A partir daqui, traduzimo-lo simplesmente por «prova». Aristóteles distingue duas categorias de provas — artísticas e não artísticas — e classifica as

primeiras em três espécies: prova ética, prova lógica e prova emocional ou patética.

9. Entimema é um silogismo retórico: a forma dedutiva de argumentação retórica que tem no paradigma a sua forma indutiva.

10. Διαβολή, ataque verbal calunioso, que inspira a suspeita.

11. Nada tem a ver com os factos essenciais, mas são meramente um aspeto pessoal do homem que está a julgar o caso.

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO,

POR MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR 9

INTRODUÇÃO

1. ORIGEM DA RETÓRICA E FORMAÇÃO DO SISTEMA RETÓRICO 13
2. NATUREZA E FINALIDADE DA RETÓRICA 17
3. CONFLITO ENTRE A RETÓRICA E A FILOSOFIA 19
4. A *RETÓRICA* DE ARISTÓTELES 24
5. PLANO E CONTEÚDO DA *RETÓRICA* 26

LIVRO I — PROVAS OU MEIOS DE PERSUASÃO: PROVA LÓGICA 26

LIVRO II — PROVAS OU MEIOS DE PERSUASÃO: EMOÇÃO E CARÁTER 29

LIVRO III — ESTILO E COMPOSIÇÃO DO DISCURSO 32

6. A RETÓRICA PERIPATÉTICA 35
7. A TRADUÇÃO DA *RETÓRICA* 43

BIBLIOGRAFIA:

- A. FONTES PRIMÁRIAS 45
- B. FONTES SECUNDÁRIAS 47

RETÓRICA

LIVRO I

1. A NATUREZA DA RETÓRICA 69
2. DEFINIÇÃO DA RETÓRICA E SUA ESTRUTURA LÓGICA 75
3. OS TRÊS GÊNEROS DE RETÓRICA: DELIBERATIVO, JUDICIAL E EPIDÍCTICO 82
4. O GÊNERO DELIBERATIVO 85
5. A FELICIDADE, FIM DA DELIBERAÇÃO 87
6. O OBJETIVO DA DELIBERAÇÃO: O BOM E O CONVENIENTE 91
7. GRAUS DO BOM E DO CONVENIENTE 94

8. SOBRE AS FORMAS DE GOVERNO 100
9. A RETÓRICA EPIDÍCTICA 102
10. RETÓRICA JUDICIAL: A INJUSTIÇA E SUAS CAUSAS 108
11. O PRAZER COMO MATÉRIA DE ORATÓRIA JUDICIAL 111
12. AGENTES E VÍTIMAS DE INJUSTIÇA 116
- 12.1 — CARACTERÍSTICAS DOS QUE COMETEM A INJUSTIÇA 116
- 12.2 — CARACTERÍSTICAS DOS QUE SOFREM A INJUSTIÇA 118
13. CRITÉRIOS DE JUSTIÇA E DE INJUSTIÇA 121
14. CRITÉRIOS SOBRE A GRAVIDADE DOS DELITOS 124
15. PROVAS NÃO TÉCNICAS NA RETÓRICA JUDICIAL 126

LIVRO II

1. A EMOÇÃO 135
2. A IRA 137
3. A CALMA 142
4. A AMIZADE E A INIMIZADE 145
5. O TEMOR E A CONFIANÇA 149
6. A VERGONHA E A DESVERGONHA 152
7. A AMABILIDADE 157
8. A PIEDADE 159
9. A INDIGNAÇÃO 161
10. A INVEJA 164
11. A EMULAÇÃO 166
12. O CARÁTER DO JOVEM 168
13. O CARÁTER DO IDOSO 170
14. O CARÁTER DOS QUE ESTÃO NO AUGE DA VIDA 171
15. CARÁTER E FORTUNA: O CARÁTER DOS NOBRES 172
16. O CARÁTER DOS RICOS 173
17. O CARÁTER DOS PODEROSOS 174
18. ESTRUTURA LÓGICA DO RACIOCÍNIO RETÓRICO: FUNÇÃO DOS TÓPICOS
COMUNS A TODAS AS ESPÉCIES DE RETÓRICA 175
19. FUNÇÃO DOS TÓPICOS COMUNS A TODAS AS ESPÉCIES DE RETÓRICA 176
20. ARGUMENTO PELO EXEMPLO 179
21. USO DE MÁXIMAS NA ARGUMENTAÇÃO 182

- 22. O USO DE ENTIMEMAS 186
- 23. O USO DE ENTIMEMAS: OS TÓPICOS 189
- 24. O USO DE ENTIMEMAS APARENTES 202
- 25. O USO DE ENTIMEMAS: A REFUTAÇÃO 206
- 26. CONCLUSÃO DOS DOIS PRIMEIROS LIVROS 209

LIVRO III

- 1. INTRODUÇÃO 213
- 2. QUALIDADES DO ENUNCIADO. A CLAREZA 215
- 3. A ESTERILIDADE DO ESTILO 220
- 4. O USO DOS SÍMILES 223
- 5. A CORREÇÃO GRAMATICAL 224
- 6. A SOLENIDADE DA EXPRESSÃO ENUNCIATIVA 226
- 7. ADEQUAÇÃO DO ESTILO AO ASSUNTO 228
- 8. O RITMO 230
- 9. A CONSTRUÇÃO DA FRASE: O ESTILO PERIÓDICO 231
- 10. A METÁFORA 235
- 11. A ELEGÂNCIA RETÓRICA 239
- 12. A EXPRESSÃO ADEQUADA A CADA GÊNERO 244
- 13. AS PARTES DO DISCURSO 247
- 14. O PROÉMIO 248
- 15. TÓPICOS DE REFUTAÇÃO 253
- 16. A NARRAÇÃO 255
- 17. A PROVA E A DEMONSTRAÇÃO 258
- 18. A INTERROGAÇÃO 263
- 19. O EPÍLOGO 265

ÍNDICES

ÍNDICE DE TERMOS TÉCNICOS 267

ÍNDICE ONOMÁSTICO 271

COLABORADORES

I. COORDENADOR

António Pedro Mesquita (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa).

II. INVESTIGADORES

Abel do Nascimento Pena, doutor em Filologia Clássica, professor auxiliar do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

Adriana Nogueira, doutora em Filologia Clássica, professora auxiliar do Departamento de Letras Clássicas e Modernas da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve e investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

Ana Alexandra Alves de Sousa, doutora em Filologia Clássica, professora auxiliar do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

Ana Maria Lóio, licenciada em Estudos Clássicos pela Universidade de Lisboa.

António Campelo Amaral, mestre em Filosofia, assistente do Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

António Manuel Martins, doutor em Filosofia, professor catedrático do Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e diretor do Centro de Linguagem, Interpretação e Filosofia da Universidade de Coimbra.

António Manuel Rebelo, doutor em Filologia Clássica, professor associado do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

António Pedro Mesquita, doutor em Filosofia, professor auxiliar do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Carlos Silva, licenciado em Filosofia, professor associado convidado do Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

Cármem Soares, doutora em Filologia Clássica, professora associada do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Delfim Leão, doutor em Filologia Clássica, professor associado do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Francisco Chorão, mestre em Filosofia, investigador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Hiteshkumar Parmar, licenciado em Estudos Clássicos pela Universidade de Lisboa.

José Pedro Serra, doutor em Filologia Clássica, professor auxiliar do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

José Segurado e Campos, doutor em Filologia Clássica, professor catedrático jubilado do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

Manuel Alexandre Júnior, doutor em Filologia Clássica, professor catedrático do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

Maria de Fátima Sousa e Silva, doutora em Filologia Clássica, professora catedrática do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Maria do Céu Fialho, doutora em Filologia Clássica, professora catedrática do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da

Universidade de Coimbra e diretora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Maria José Vaz Pinto, doutora em Filosofia, professora auxiliar do Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa.

Paulo Farmhouse Alberto, doutor em Filologia Clássica, professor auxiliar do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

Pedro Falcão, licenciado em Estudos Clássicos pela Universidade de Lisboa.

Ricardo Santos, doutor em Filosofia, investigador do Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa.

III. CONSULTORES CIENTÍFICOS

1. FILOSOFIA

José Barata-Moura, professor catedrático do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

2. FILOSOFIA ANTIGA

José Gabriel Trindade Santos, professor catedrático do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

3. LÍNGUA E CULTURA CLÁSSICA

Maria Helena da Rocha Pereira, professora catedrática jubilada do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de

**OBRAS COMPLETAS
DE ARISTÓTELES**

—

COORDENAÇÃO DE
ANTÓNIO PEDRO MESQUITA

